

# Como eu descobri a Inglaterra

## A CITY NOCTURNA

**DIZEM** que Londres é triste. Talvez, mas só para aqueles que a viram numa tarde cinzenta e de chuva, ou a percorreram com alma tristonha e nostálgica. De Londres eu trouxe e guardo ainda comigo uma impressão de deslumbramento e creio que ela jamais se apagará da minha saudade e do meu coração. Impressão grata — em que a saudade é gostosa. Se a paisagem, como disse Amiel, é um estado de alma, nós sempre que viajarmos, devemos levar a alma como uma chapa fotográfica que ainda não foi impressionada — para que uma paisagem nova ou uma cidade estrangeira, as vejamos apenas, e mais acertadamente, no melhor do seu aspecto, se, por qualquer motivo, não pudermos, o que seria preferível, adivinhar, possuir e desendar a sua alma interior, o segredo da sua vida e da sua beleza.

Pode ser que Londres seja uma cidade triste, mas os meus olhos não a viram assim, porque a Londres que eu guardo ainda na minha memória é uma Londres buliçosa, elegante, que sabe viver, e que criou uma alegria, ruidosa por vezes, mas sempre sincera.

A traços largos, descrevi a Londres elegante e curiosa, à tarde, no movimento apressado e febril, mas metódico das suas ruas, e na beleza perturbante e saudável das suas mulheres. Tentarei descrever também a City nocturna.

Uma cidade interessante é aquela que varia de hora para hora, que nunca é a mesma, que nunca se repete. Londres consegue esse milagre de multiplicação de aspectos. Londres às 6 horas da manhã é digna de ser vista, principalmente no Covent Garden. É a hora dos mercados, a hora do fornecimento da alimentação do monstruoso ventre de Londres, e também a hora em que se vende mais flores, como se estas fossem também um alimento imprescindível da vista e do olfato. E às nove horas — a City toma outro aspecto. O movimento nas ruas vai aumentando — e quem quizer ver as raparigas mais lindas de Londres é entrar nos *buses* e nos eléctricos, que aí as encontrará, frescas e elegantes. São as empregadas de comércio que se dirigem aos seus escritórios, onde vão dar alegria, mocidade e beleza ao trabalho, que por elas e com elas deixa de ser um sacrifício pesado para se tornar um prazer absorvente... Depois, à tarde, pelas cinco horas, Londres toma chá. É a hora da elegância e da distinção, porque tomar chá é uma função espiritual e superior, um pretexto para se conversar com alegria e espírito na presença adorável duma mulher bonita.

Correm as horas, num ritmo doce e lento, e a noite chega, deslumbrante, maravilhosa, apoteótica, a noite de encantamento e misterio, que desperta em nós um outro sentido da vida, uma outra alma, uma outra sensibilidade.

Londres, à noite, no esplendor do seu movimento, das suas elegancias e da sua iluminação, chega a atordoar-nos. Os ingleses, apurados e graves durante o dia, são mais elegantes, mais risonhos, mais comunicativos durante a noite. O inglês afinal é uma creatura inteligentemente seria, que toma tudo a sério, o trabalho e o prazer. E como pode ser triste um povo que inventou os *clowns*?

É a noite que nós vamos encontrar nas ruas da City — a alma alegre de Londres, essa alma alegre e comunicativa que parece palpitir em todas as coisas.

### A iluminação da City!

As cores todas do arco-iris, em lindas e fantásticas combinações — irradiam e faiscam das vitrines dos estabelecimentos, dos cartazes luminosos, que são verdadeiras obras primas de engenharia electrica, dos placards originaes dos grandes quotidianos.

É quasi um scenario irrereal aquele que eu vi e que ainda agora estou vendo diante dos meus olhos. Não me engano — tenho agora diante de mim essa minha primeira noite de Londres. O céu é ainda o mesmo. Um céu alto e muito azul, onde não me lembro de ter visto estrelas. Onde estariam elas? Ou o azul do céu té-las-ia afogado na intensidade da sua cor — ou a iluminação multicolor e fantástica da City as teria ofuscado. Talvez nem eu tivesse reparado nelas. Não sei. Mas é um céu alto e profundo, espesso, bem tintado a azul ferrete, que no kodak impressivo da minha saudade, estou vendo ainda. E nesta hora em que revivo outra hora, a mim mesmo pergunto porque é que eu, e porque é que todos nós nunca deixamos de olhar o céu, sempre que na terra uma impressão melhor nos perturba a alma?

Dizem que a noite tem uma alma e essa alma senti-a, palpei-a no seu misterio e na sua sedução!

Os scenarios dos music-halls tem menos fantasia e menos luz que a City à noite, essa City esplendorosa, iluminada como para uma festa extranha de deusas mitologicas, essa City de cartazes berrantes, toda ella cheia de campanhas e buzinas, de que resulta o mais original jazz-band que eu tenho ouvido. Oh! a City à noite, toda incendiada a luz electrica, arco-iris fantastico — que nenhum scenógrafo será capaz de reproduzir!

O incendio de Roma, se hoje se repetisse, provocaria o bocejo dos espectadores, e Nero seria pateado por não conhecer a moderna engenharia electrica.

A *City* assim á noite é um grande *music-hall* em que todos os espectadores são obrigados a ser figurantes.

A Londres comercial, a Londres vertiginosa que nós vemos atarefada e seria durante o dia — desaparece nestas horas da noite — e os restaurantes, floridos, iluminados a *giorno*, povoam-se ruidosamente de gente de todas as idades, mas que, por milagre ou por feitiçaria das orquestras e das luzes — sentem todos bater — elas e eles, não importa mesmo os cabelos brancos — um coração de vinte anos, despreocupado e feliz!

E o *Strand*, o *Piccadilly* e a *Regent Street* povoam-se das mulheres mais lindas de Londres e é facil descobrir em muitas delas a beleza correcta e dominadora do tipo judaico.

São extraordinarias e perturbadoras estas mulheres, como se trouxessem consigo, no brilho inquieto dos seus olhos e no ritmo musical dos seus passos, a alma, a graça e a sedução das densas do Olimpo, quando *Venus* imperava e *Jupiter* obedecia.

Oh! alma nocturna da *City*, faiscante e ruidosa, riscada a vermelho, a azul, a amarelo e a verde, e cortada estridulamente com as buzinas e as campainhas dos carros e dos taxis — vives ainda, encantadamente, dentro da minha alma!

(Do livro a sair "O Mundo das Imagens")

R E B E L O D E B E T T E N C O U R T

